

BAÚ DE MEMÓRIAS: HISTÓRIAS DE VIDA DE EGRESSAS DE UM ORFANATO

Vera Lucia Mendes Vieira Furtado¹
<https://orcid.org/0000-0003-3970-5983>

Carmen Lucia Fornari Diez²
<https://orcid.org/0000-0002-5341-5213>

Marina Patrício de Arruda³
<https://orcid.org/0000-0001-6648-0009>

RESUMO: Este artigo tem como foco as memórias de egressas de um orfanato de uma cidade de médio porte localizada no interior do estado de Santa Catarina. Trata-se de um olhar genealógico sobre a trajetória de 35 anos de assistência à infância feminina. A proposta deste estudo foi mostrar o olhar das mulheres que na infância eram internas, sobre o cenário institucional vivenciado. Utilizamos como fundamento a perspectiva genealógica de Michel Foucault por meio da qual procuramos desvelar as circunstâncias que as levaram a viver no Orfanato. Os dados levantados nas entrevistas apresentaram pistas que identificam uma educação que tornou as egressas pessoas dóceis e agradecidas. Abrir o baú dessas memórias tornou-se necessário para a escuta de histórias de vida sobre uma infância empobrecida e abandonada no período de 1955-1990, vivida numa pequena cidade do interior .

PALAVRAS-CHAVES: memórias de egressas, Olhar genealógico, Histórias de vida.

¹ Mestre em Educação, professora da rede municipal de ensino, Prefeitura Municipal de Lages, Lages SC, Brasil veralucia.furtado@hotmail.com

² Pós-doutora em Filosofia em 2005 pela Universidad de Barcelona e em 2016 pela Universidad Carlos II de Madrid, pesquisadora e professora Associada da Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, PR, Brasil, miuxe@hotmail.com; carmen@ufpr.br

³ Pós-doutora em Educação(PUCRS), pesquisadora e pos-doutoranda em Educação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu-UCS) da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, RS, Brasil. E-mail: profmarinh@gmail.com.

MEMORY BOOKS: LIFE STORIES OF EGRESSES OF AN ORPHANATE

ABSTRACT: This article focuses on the memoirs of graduates of an orphanage of a medium-sized city located in the interior of the state of Santa Catarina. It is a genealogical look at the trajectory of 35 years of female childcare. The purpose of this study was to show the gaze of the women who were in their infancy in the institutional scene. We use as basis the genealogical perspective of Michel Foucault through which we try to uncover the circumstances that led them to live in the Orphanage. The data collected in the interviews presented clues that identify an education that made the former students docile and grateful. Opening the chest of these memories became necessary for listening to life stories about an impoverished and abandoned childhood in the period 1955-1990, lived in a little city.

KEYWORDS: memories of graduates, Genealogical approach, Life stories.

BAU DE MEMORIAS: HISTORIAS DE VIDA DE EGRESAS DE UN ORFANATO

RESUMEN: Este artículo tiene como foco las memorias de egresados de un orfanato de una ciudad de mediano porte ubicada en el interior de la provincia de Santa Catarina en Brasil. Se trata de una mirada genealógica sobre la trayectoria de 35 años de asistencia a la infancia femenina. La propuesta de este estudio fue mostrar la mirada de las mujeres que en la infancia eran internas, sobre el escenario institucional vivenciado. Utilizamos como fundamento la perspectiva genealógica de Michel Foucault por medio de la que buscamos desvelar las circunstancias que las llevaron a vivir en el Orfanato. Los datos recogidos en las entrevistas presentaron pistas que identifican una educación que hizo a las egresadas personas dóciles y agradecidas. Abrir el baúl de esas memorias si es necesario para la escucha de historias de vida sobre una infancia empobrecida y abandonada en el período de 1955-1990, vivida en una pequeña ciudad del interior.

PALABRAS CLAVES: memorias de egres, Mirada genealógica, Historias de vida.

Introdução

Este artigo apresenta tessitura da memória de egressas de um orfanato de uma cidade de médio porte localizada no interior de Santa Catarina entre os anos de 1955 a 1990. Tratou-se de um olhar genealógico sobre a trajetória de 35 anos de assistência à infância promovido por esse orfanato. A discussão teve como fundamento a perspectiva de Michel Foucault e considerou o recorte temporal o período de existência do regime de internato que foi de 1955 até 1990. Desse período buscamos decodificar os relatos de egressas sobre o cenário institucional vivenciado.

Pelo fio da memória de egressas procuramos conhecer o contexto histórico sobre as práticas sociais de assistência à infância no Brasil, para que, por meio da genealogia de Foucault, nos instrumentalizássemos para análise das entrevistas, registro das práticas discursivas que se fizeram presentes em suas vidas.

Entendemos que os documentos e dados históricos, vêm enriquecidos de experiências que apresentam o contexto da família interiorana da década de 50 do século XX. Dessa forma, podemos compreender a situação que levou um grupo de meninas a viver num orfanato desde a sua fundação até os anos 90 do século XX. Entendemos que a junção de fragmentos da história da instituição, ainda não registrados e sistematizados, ficou na memória de egressas que narradas por elas, possibilitaram um processo dinâmico de construção que perpassou o estigma da orfandade e a forma como relatam o contexto social, econômico, familiar e cultural no qual estavam inseridas.

Toda vez que nos reportamos ao passado encontramos nas memórias situações tristes ou alegres, positivas ou negativas, contudo, “[...] O saudável exercício de ‘olhar para trás’ irá ajudar a iluminar os caminhos que agora percorremos, entendendo melhor o porquê de certas escolhas feitas por nossa sociedade” (DEL PRIORE, 2000, p. 8).

Investigar sobre a história de vida de egressas, deixando registradas informações sobre suas vivências na instituição, tornou-se relevante para o conhecimento e valorização do percurso histórico de assistência à infância, conforme os dados nos mostram. Neste trabalho destacamos resultados parciais de uma dissertação, ou seja, depoimentos de egressas, a partir de suas memórias que foram coletadas e registradas por meio de entrevistas.

A intenção para o desenvolvimento deste ensaio não consistiu em retratar especificamente o mencionado Orfanato, mas em desenvolver uma reflexão no que se refere à alma e ao sentimento da criança que viveu interna,

pois algumas, mesmo não sendo órfãs, eram chamadas de órfãs – designação que tem uma carga forte para a formação da subjetividade da criança. A inspiração para esta incursão está em Vigiar e Punir, onde Foucault propõe com sua pesquisa fazer “[...] uma história correlativa da alma moderna e de um novo poder de julgar; uma genealogia do atual complexo científico judiciário onde o poder de punir se apoia, recebe suas justificações e suas regras, estende seus efeitos e mascara sua exorbitante singularidade” (p.23). No caso das meninas do Orfanato aqui em foco, o distanciamento da família desenvolveu sentimento de abandono, desamparo, solidão. Na pesquisa, registramos os dados dos depoimentos das egressas utilizando codinome como E1, E2 e assim sucessivamente até E12 a fim de garantir sigilo sobre os registros de informações de suas vivências na instituição. As entrevistas realizadas com pessoas que trabalharam na instituição foram identificadas como T1, T2 T3.

Para esse artigo priorizamos informações decorrentes de três questões que são: “Circunstâncias que levaram as meninas ao Orfanato”; “Dos saberes, o que prevaleceu em suas vidas”; “Escolhas a partir da educação recebida”.

Circunstâncias que levaram as meninas ao orfanato

Após fornecerem os dados de identificação, as egressas relataram as circunstâncias que as levaram a viver no Orfanato de Lages. Ressaltamos que, ao iniciarmos esta pesquisa, imaginávamos que nos relatos as informações seriam de que todas seriam órfãs. No desenrolar das entrevistas, porém, descobrimos casos distintos, devido à situação socioeconômica da região, de empobrecimento que favoreceu a miséria e desemprego em muitos lares. Assim, famílias se formaram sem que houvesse uma estrutura para sua subsistência, ocasionando sua desestruturação e a institucionalização de crianças e adolescentes. Encontramos casos de meninas que foram internas devido à morte de algum de seus responsáveis ou pela falta de condições financeiras dos pais, de modo que seus familiares entendiam que sua infância deveria ser vivenciada no Orfanato. Tal situação não era fato isolado nesta cidade, pois as ações eram decorrência da concepção existente na sociedade da época.

E3 contou que, quando ficou órfã de mãe, tinha seis irmãos – sendo duas meninas e cinco meninos. Por não ter condições de permanecer junto com a família, devido alcoolismo de seu pai, sua avó fez a opção de colocá-la no Orfanato juntamente com sua irmã. A chegada de E4 também ocorreu devida à morte de sua mãe. A egressa relata o seguinte: “[...] meus pais faleceram

e fiquei com três irmãos, [...] eles precisariam trabalhar eu não tinha com quem ficar [...]”. Sendo ela a menor dos irmãos, e eles entendendo que não terem condição de mantê-la, pois precisavam trabalhar, decidiram deixá-la no Orfanato, e sua irmã mais velha, que trabalhava próximo à instituição, supria suas necessidades fornecendo roupas e materiais de higiene. Esta informante ingressou quando tinha nove anos de idade e permaneceu lá por nove anos, saindo de lá com dezessete anos. É um dos casos em que, na ausência dos pais, havia outros membros da família, mas sem disponibilidade de atendê-la.

Semelhantemente ao relato da E1 e de E2, a egressa E7 viveu na instituição no tempo de internato, no entanto não era interna. Havia exceções, os casos específicos de meninas que precisavam ficar para que a mãe pudesse trabalhar, não havendo outro lugar para ficar durante o dia, conforme podemos acompanhar no relato a seguir:

[...] Eu e minha irmã não morávamos no Orfanato, mas éramos semi-internas. No final do dia nossa mãe passava para nos pegar. Ela era pai e mãe, e precisava trabalhar para poder nos criar, então como não tinha quem cuidasse de nós, ela falou com a irmã responsável pelo Orfanato e ela nos aceitou [...].

Já no relato de E8 há outra situação, pois ela não foi destinada à instituição para ser adotada nem para lá viver até completar 18 anos, mas, conforme sua informação, isso ocorreu por determinação judicial, sendo que deveria ficar apenas por um período até que sua mãe se estabilizasse:

[...] Minha mãe não tinha condições financeira nem psicológica, ela era mãe solteira, naquela época era muito complicado, meu avô a colocou para fora de casa, aí foi a solução que ela achou. [...] Eu não sei se foi um mandato do juiz alguma coisa na época me colocaram lá. Porque minha tia, a irmã da minha mãe queria que minha mãe me desse para adoção. A minha mãe trabalhava de empregada doméstica e daí essa mulher onde minha mãe trabalhava de empregada doméstica disse: - ‘não, nós vamos cuidar dela! Nós vamos ficar com ela’. Então foi aí que minha mãe me criou até os dois anos. Só que minha mãe era mãe solteira era uma menina desmiolada, era bem isso o termo e não deu conta daí ali depois minha madrinha que é essa senhora que ela trabalhava de empregada doméstica foi embora e foi aí que me colocaram no Orfanato. A minha tia queria me dar para uma família, mas ela não deixou. Então tem um período que a mãe me deixou lá para ver se conseguia se aprumar na vida,

vamos dizer assim. Nos trancos e barrancos dela, ela conseguiu. Então conseguiu uma ordem, eu até nunca perguntei se foi uma ordem do juiz alguma coisa que fez com que eu ficasse lá, mas era temporário não era para adoção isso eu sei [...].

Na busca de informação sobre os motivos dos internamentos, ainda encontramos registrado na Ata de nº 173 da reunião realizada com a diretoria no Orfanato, no dia oito de novembro de 1976, que a irmã diretora na época, o seguinte:

[...] comunicou alguns casos de mães que pedem internamento de menores, analisando-se mais o caso de uma que parece estar realmente em necessidade, visto ter-lhe falecido o marido, deixando-a com três filhos menores de seis anos e esperando o quarto. Decidiu-se investigar o caso, mediante visita à família e, possivelmente encaminhar uma ou mais dessas crianças para o Orfanato, pedindo à mãe autorização de doá-las ocasionalmente alguma família interessada e em condições de adotá-las (ONSG, 1976, p.43).

No depoimento de E7, que viveu interna na década de 1980, acompanhamos como ela percebia a situação em que sua mãe vivia, justificando assim o motivo de ser semi-interna no Orfanato.

Apesar de eu ser criança eu lembro que tudo naquele tempo era muito difícil [...]. Minha mãe pagava aluguel, pois não tínhamos casa própria. [...] Como minha mãe trabalhava em uma fábrica muitas vezes tinha que fazer horas extras, então ela vinha toda de branco nos buscar. Mas algumas vezes quando era inverno e que nós já estávamos dormindo e com o corpo quente a irmã dizia para minha mãe que podia nos deixar dormindo porque estávamos com o corpo quente e era perigoso nos tirar no frio.

Uma das entrevistadas que trabalhou na instituição no tempo do internato, que denominamos de T3, complementa esse contexto relacionado à infância empobrecida, falando sobre o trabalho que desenvolveu no período de 1979 a 1984. Suas informações possibilitam maior compreensão sobre a realidade das crianças que eram atendidas na creche do Orfanato.

Naquela época tínhamos 60 crianças atendidas pela creche do Orfanato, sendo que 20 vagas, aproximadamente eram preenchidas pelas internas e as restantes por crianças extremamente pobres do bairro e proximidades. Nossas atividades variavam desde o acolhimento não só assistencial como a alimentação diária (quatro refeições por dia), como o cuidado com a higiene, que era muito precária (verminose, piolhos, desnutrição, etc.), mas também com o acolhimento emocional, a carência afetiva era tão profunda quanto à carência material.

Entendemos que, paralelamente à realidade das meninas que ficaram internas, muitas outras crianças enfrentavam situação de extrema pobreza, mas permaneciam com suas famílias, mesmo existindo casos que encontravam na creche o único porto seguro, conforme afirma T3.

Os dados das entrevistas nos mostram que a maioria das meninas, na ausência dos pais, tinha algum familiar próximo. Havia parentes que, após internar, realizavam contribuição financeira ou com alimentos, roupas e calçados, como podemos ver no depoimento de E9.

[...] minha tia ajudou muito no Orfanato. Eu lembro que na época ela estava muito bem de vida, até foi ela que colocou a gente lá para nossa proteção na verdade, então ela ajudou muito na construção daquela parte nova do Orfanato que fica encostado na igreja, [...]. Porque para visitar a gente mais seguida as freiras acabavam cobrando dela, era assim, mas tem aquela outra forma de fazer as coisas, eu me lembro de que chegava caminhão de areia de tijolo, tudo isso, então para ela poder participar mais da nossa vida, ela acabava cedendo. Eu lembro que no início do ano, por exemplo, se ela queria levar um sapato para eu e minha irmã ir para escola, elas não deixavam levar dois pares de sapatos, um para mim e minha irmã, ela tinha que levar muitos sapatos, então para ela fazer por nós o que ela tinha vontade ela acabava fazendo também pelas outras. Ela sempre tinha que fazer além da capacidade dela.

Tal relato nos leva a entender que, se tinha como enviar ajuda para manter a interna e suas colegas, o familiar também tinha condições financeiras para atendê-la em sua residência, estreitando o vínculo familiar. Que objetivo havia em deixar, nesse caso, a menina interna? Estaria pensando na educação que era oferecida às meninas internas? Talvez diante da visão de educação que tinham, com relação à instituição, almejava que a menina desamparada

ou empobrecida recebesse aquela forma de educação. No caso de E9, o internamento foi devido à morte de sua mãe:

[...] quando perdi a mãe, nós éramos seis irmãos e a mãe faleceu bem nova até ela tinha quarenta e três anos e nosso pai bebia muito. Então as tias decidiram que as mais novas iriam para o Orfanato para evitar que ficássemos com o pai. Tinha uma irmã mais velha que já tinha dezoito anos e dois irmãos que tinham em média de quinze e dezesseis, aí tinha eu com oito anos, outra com quatro anos e a mais nova com um ano e meio. Essa mais nova ficou com avo, eu e de quatro anos fomos para o Orfanato [...].

Observando as informações vemos que o destino de E9 poderia ter sido pensado de outra forma, pois havia condições financeiras e pessoas da família para atender ela e sua irmã de quatro anos. Diante dessa escolha, ficou em sua vida como marca, o sentimento de desprezo e de abandono. Na sua concepção, ficar interna não deveria ter sido a primeira solução, visto que havia outra possibilidade.

Essa situação, que fez parte da vida de outras egressas, originou sentimento de revolta. Para uma criança entender os motivos que levaram o adulto a tomar determinada atitude, requer-se diálogo. Esse não foi o caso das internas, pois suas dúvidas não eram sanadas, uma vez que sequer conversavam a respeito dos motivos de sua internação, ou seja, sentiam-se abandonadas e sem perspectivas para o futuro. Muitas nem visitas recebiam, conforme diz E9: “Tinha meninas que nunca recebiam visitas, tinha outras que os parentes vinham mais seguidos, às vezes vinha gente de fora também [...]”.

De acordo com Donzelot (2001, p.50), “A não pertinência a uma família, a ausência, portanto, de um responsável sócio-político coloca um problema de ordem pública. É o nível das pessoas sem fé, sem eira, nem beira [...]”. Na concepção de E10, ter entrado no Orfanato, impediu que fosse viver na rua. Esta era a situação de sua mãe e corria o risco de ser o seu destino também, conforme apresenta em seu relato:

[...] Eu fui parar no Orfanato porque minha mãe era de rua na verdade. Encontraram minha mãe na rua, ela não tinha para onde ir, tinha um problema de esquecimento e sem lugar para morar. Ela foi morar numa casa e a família que ela foi trabalhar a levou no Orfanato e minha mãe me levou lá, ela não tinha condições. Nos três anos fui para lá e sai com 14[...].

Outro fator que surgiu com relação aos internamentos refere-se ao problema de alcoolismo do pai de algumas, como se observa nas histórias de vida de E9, E10 e E11. Tal situação não foi diferente para E12.

Fui para o Orfanato porque não tinha mãe, não tinha irmão, só tinha pai e o pai que me arrumou lá, pelo que eu sei, foi isso que aconteceu porque eu morava só com o pai e ele não tinha condições de me cuidar porque era alcoólatra, daí ele me colocou lá. Minha mãe faleceu eu tinha oito meses, não cheguei a conhecê-la, faleceu bem cedo. Eu tinha um irmão, mas também faleceu, não sei do que, mas faleceu. Pelo que eu sei foi meu pai que me pôs lá (E12).

Os depoimentos das egressas deram vistas à característica social que desencadeava o internamento de meninas, evidenciando que, diante da situação emergencial de desamparo, a primeira atitude de seus responsáveis era buscar o orfanato.

Dos saberes que prevaleceram em suas vidas

Ao ser perguntado para as egressas sobre os saberes desenvolvidos, o que prevalece na vida, E1 destaca os trabalhos manuais realizados. A importância de estar neste ambiente foi enfatizada por E3 como sendo um local que marcou sua vida na forma de educação que recebera, pois tudo o que aprendeu lá hoje utiliza em sua vida. Foucault (2004, p.130) analisa a prática das atividades desenvolvidas nas instituições dizendo que “No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil [...]”. Os dados das entrevistas ilustram suas observações. E4 responde “[...] aprendi a respeitar o próximo, ter solidariedade com as pessoas. O que prevalece na minha vida hoje é respeitar as pessoas, honestidade e valorizar o que eu tenho [...]”. A resposta desta egressa se assemelha ao relato de E12:

Aprendi muito a respeitar as pessoas, não diferenciar, procuro tratar todo mundo igual sempre digo isso para o meu filho. Eu aprendi muito a dar valor para as coisas, a ir à luta. A gente acaba se tornando pessoa muito forte, pois leva tanto, mas tem que sobreviver e ficar de pé, então aprende a ser forte. Só que às vezes aprende e fica meio neutro. Torna-se uma pessoa difícil de demonstrar os sentimentos. Demonstra, mas está sempre com um pezinho atrás com relação às pessoas. Aprende a conhecer

muito as pessoas assim, com o tempo vai melhorando e vendo que nem todos são assim.

Para E6 o que prevalece ainda hoje é o carinho que teve pelas irmãs e amigas que conquistou naquele tempo. Já E7 responde à questão, apontando serem os trabalhos manuais, os horários definidos e o convívio em grupo: “[...] Ter horários, aprendendo a conviver em grupo isso tudo é muito válido, serve de aprendizado para o crescimento da gente [...]”. A questão dos horários que aparecem nos relatos refere-se ao exercício do poder atuando no cotidiano da vida no internato, pois, “O poder se articula diretamente sobre o tempo; realiza o controle dele e garante sua utilização” (FOUCAULT, 2004, p.136).

A época de infância vivida no orfanato tem forte influência na profissão de E9, pois como assistente social essa egressa desempenha sua função de modo a promover a inserção da criança e do adolescente no convívio familiar. Por ter passado em situação de distanciamento da família, seu trabalho consiste em buscar soluções para que a criança tenha a oportunidade da convivência familiar.

Eu acho que os saberes, além daqueles básicos de que a gente tinha que ir para escola o que eu trouxe para vida toda na verdade é tudo que eu aprendi lá, é a formação do caráter, o valor de união, de preservação mesmo, a gente preservava umas às outras, a gente protegia as meninas, [...] às vezes quando uma apanhava as outras protegiam aquela então a gente bem ou mal a gente criava uma preservação uma das outras. O fato de precisar proteger uma menor é uma coisa que marca muito porque também precisávamos ser protegidas. Então com isso a gente aprende a lidar com os outros, a respeitar as diferenças. Na época eu não via isso como aprendizado, não entendia certas coisas, mas hoje tudo isso que eu passei lá, eu vejo como aprendizado que eu trouxe para minha vida e trago para minha profissão.

O que ficou na vida de E10 daquele tempo foi a educação recebida. Segundo a egressa, ela só não se formou porque não quis, pois teve sua chance. Mas relata que sentia falta de esclarecimentos voltados para uma educação sexual, conversa que na fase da adolescência são compartilhadas em famílias.

Com relação à educação, T1 descreve como os ensinamentos se estabeleciam no cotidiano do orfanato.

[...] eu digo o seguinte que também era muito visível, que o próprio grupo que era o responsável, os educadores eles não estavam preparados à altura, porque muitas vezes aquela irmã que já não dava para ficar lá em tal lugar, pois já não tinha muita força física, estava meio adoentada dizia-se: 'então vamos por lá no orfanato, porque é só ficar junto com as crianças fazendo crochezinho ou aquela irmã lá que não gosta da fazer uma pastoral, de estar muito com o público então vamos colocar lá junto com as meninas claro que as coitadinhas, não vão exigir'. Às vezes ficava em torno da questão da reza, que a freira tinha que rezar, mas nunca se perguntou será que era daquele estilo, aquela oração, aquele canto àquela hora ninguém se perguntou se aquela idade era bom para aquilo, ou se ela queria ter outra crença ...'(T1).

Encontramos nos depoimentos, elementos que merecem destaque para nossa reflexão, como a educação, aprendizagem, escassez de alimento, fatores que fizeram com que as egressas destacassem a que aprenderam a dar valor e a cuidar das coisas, conforme explica E12, “[...] a gente teve uma educação, aprendeu ser honesta, todas essas coisas foi ótimo, a dar muito valor às coisas, a gente aprendeu [...]”. O ponto positivo em que E4 diz ter prevalecido em sua vida foi o aproveitamento dos alimentos e material de higiene. Tais vivências foram significativas, prevalecendo em suas vidas, a gratidão pelo que receberam ao viver no Orfanato.

De acordo com os relatos o controle e a escassez dos alimentos foram pontos que marcaram a infância das egressas. Nesta pesquisa observamos que várias situações vivenciadas ainda prevalecem em suas vidas por meio de práticas que ainda são exercidas, o que significa dizer que são as marcas de um indivíduo objetivado, fabricado. Nesse sentido, Araújo destaca

[...] não faz a história das instituições ou dos aparelhos do Estado, nem uma história geral dos grandes eventos. Como genealogista, procurará quais transformações no passado nos levaram a ser este indivíduo objetivado que hoje somos por certos procedimentos menores e desprezados. Colégios, fábricas, prisões e casernas têm o poder de ajustar, em seu espaço, cada indivíduo, o que permite conhecê-lo, analisa-lo, organizar seu tempo e seu modo de circular. (2000, p.76)

As transformações do passado, a educação que as egressas receberam, as condutas das internas que foram ajustadas, estão presentes em

suas vidas, algumas atitudes e ações realizadas na infância e adolescência são relembradas pela E12:

Eu vivo guardando restinho de comida na geladeira. Tenho mania de estar guardando sempre, acho que coisa que veio junto porque a gente passava fome. Elas davam comida, mas assim: de manhã era um chá e pão com doce, davam aquilo já arrumado. Ao meio dia era almoço dificilmente tinha carne. Era chuchu, arroz e feijão. De tarde era um chazinho com umas quatro bolachinhas e a noite era sopa com o que sobrou do meio dia. Tinha os horários certinhos para comer. Das freiras era uma comida e das meninas era outra. As freiras tinham a sala delas que faziam as refeições e nós tínhamos nosso refeitório. Eu trabalhei bastante tempo na cozinha com a cozinheira, de vez em quando ela estava me dando uma comida escondida das freiras, eu gostava de ir para cozinha por causa disso, todas as meninas gostavam de trabalhar na cozinha, pois comiam um pouco mais, um pouco melhor. A gente assaltava a despensa no bom sentido. A gente encontrava a despensa aberta a gente entrava, eu lembro que tinha tipo de um baú cheio de hóstia cortada, mas nós comíamos hóstia valendo.

Se havia momentos em que o alimento faltava ou era pouco, no natal por ser uma época em que se pratica a caridade, era diferente, conforme depoimento da T1;

[...] eu não gostava era época de natal era aquele desfile de pessoas levando chocolate, levando bolo, como se as crianças tivessem que ser quase que intoxicadas de tanto comer tudo e depois e os outros 12 meses o que se levava? Ou aquela questão eu faço uma janta em casa, sobrou, o resto eu levo lá para o Orfanato, aquilo, eu sofri muito, eu me indignava. Se eu estava lá eu dava um jeito e ia tudo para o lixo e não servia nada. Sabe-se lá que hora chegou lá, de que hora até que hora ficou fora da geladeira aquilo. Será que não sobrou dos pratos na mesa que sobrou resto mesmo e colocaram tudo lá dentro deram uma arrumadinha. Eu não tinha condições de comer nem de dar para as crianças, eu achava aquilo um absurdo, os restos que levavam lá.

Assim, alguns aprendizados prevalecem na vida de egressas e apresentam-se como marcas que se estabeleceram fortemente. A maioria manifestou gratidão por todo o aprendizado. “É assim que se formam perfei-

tos corpos dóceis, por meio do controle, da disciplina, da produtividade e da padronização das atitudes” (SANTOS, 2010, p.26). Este parece ser o objetivo para a formação do indivíduo institucionalizado que ao ser devolvido à sociedade apresente docilidade e gratidão, conforme nosso entendimento acerca dos estudos realizados em Foucault.

Escolhas a partir da educação recebida

Percebemos que algumas egressas buscaram superar suas vivências procurando decisões contrárias às que foram tomadas com relação às suas vidas quando internas, outras ainda lutam constantemente para garantir o melhor para sua família. Segundo T1, é característica de quem viveu o internato a necessidade de ser aceita e reconhecida. Outra característica é prezar pelo que é correto, pela disciplina, fruto da educação que receberam. Nesse sentido, somam-se os valores religiosos e a luta para garantir que os filhos não tenham o mesmo destino que tiveram no internato.

Os dados colhidos ao longo da pesquisa nos mostraram que algumas também lamentam não terem aproveitado melhor a educação e oportunidade de estudo oferecida naquela época, devido à falta que sentiam da família muitas ansiavam chegar aos 18 anos para se casar e constituir uma família. Na rapidez com que faziam suas escolhas, algumas abandonaram os estudos, dedicando-se somente à família. Naquela época era costume preparar-se para ser uma boa dona de casa, com isso, algumas não tiveram muita perspectiva com relação ao estudo e a busca por uma boa profissão. Mas o contrário também aconteceu.

E1, ao sair da instituição, e tendo em vista o incentivo ao estudo que recebeu, tornou-se pedagoga. Outra egressa contou;

[...] é muito engraçado porque daí quando eu fui pegando uma idade de 10 e 12 anos então eu sabia o que minha mãe tinha feito de errado e tudo o que ela fazia de errado eu queria fazer o contrário, até nas coisas que ela gostava não que eu não gostasse dela, imagina, ela estava aqui agora a pouco. Se ela gostava do vermelho, eu gostava do amarelo, se ela gostava da noite, eu gostava do dia, sabe, era o medo que eu tinha assim, claro que depois que você cresce, você estuda, você lê, você sabe que tudo isso tem um significado, era um medo meu quando criança de fazer as coisas que ela fez de errado e daqui a pouco em ter um filho e fazer as mesmas coisas que ela fez (E8).

Para E9 a escolha realizada logo que saiu da instituição foi o casamento, segundo ela, “[...] eu deveria ter feito diferente, mas a gente não volta no tempo, foi casar cedo [...]. Mas não posso reclamar, pois ficaram dois filhos que eu amo de paixão. O restante é escolha que a gente faz baseado na formação e educação que a gente teve”.

Nesse sentido, observa-se que elas não recebiam uma preparação para enfrentar a vida fora da instituição, na prática aprendiam a cuidar de uma casa. O registro desses depoimentos possibilitou reflexões a partir da concepção de Foucault sobre o olhar da egressa para o cenário institucional.

Considerações finais

O olhar genealógico de Michel Foucault sobre o cenário institucional e o baú de memórias que buscamos abrir permitiu-nos analisar parte da trajetória dos 35 anos de assistência à infância, promovida por um orfanato do interior de Santa Catarina. Com Foucault aprendemos sobre a necessidade de ampliar nossa visão em relação às práticas e ao trabalho desenvolvido no orfanato. E conforme pudemos acompanhar do contexto histórico, o orfanato foi projetado para abrigar meninas em condições de vulnerabilidade. Vimos pelo histórico que no dia da fundação já receberam primeira interna e aos poucos outras foram chegando. Assim, a instituição foi criando a demanda, quando as crianças ficavam órfãs, as meninas eram encaminhadas ao orfanato enquanto os garotos permaneciam com os parentes. Fato que nos leva a questionar, se tais parentes podiam ficar com os meninos, por que não ficavam também com as meninas ao invés de abandoná-las? Situações assim marcaram a vida das egressas que foram enviadas ao orfanato porque a instituição as esperava.

Escavar a história do internato, partindo da coleta de depoimentos de um grupo de egressas teve um grande significado, pois não consistiu somente em conhecer a história presente em suas memórias mas permitir que muitas outras informações pudessem vir na composição dessas histórias de vida e da infância desta cidade do interior tendo em vista a compreensão das atitudes dos familiares das egressas e das ações desenvolvidas na instituição, naquele momento histórico. Informações inéditas sobre situações institucionais, familiares, sociais deram vistas também à cultura de um povo. À medida que as famílias e a sociedade em geral realizavam suas doações, arrecadando fundos para a instituição, também fortaleciam a vida institucionalizada, na qual centenas de meninas tiveram a experiência marcante de viver longe de suas famílias. Marcas de uma infância que poderia ter sido desfrutada junto dos

pais e seus familiares. Os dados levantados nas entrevistas mostram marcas de uma educação voltada à formação de egressas dóceis e agradecidas. Abrir o baú dessas memórias tornou-se necessário para a escuta de histórias de vida sobre uma infância empobrecida e abandonada no período de 1955-1990, vivida numa cidade do interior ainda sem registro.

Referências

ARAÚJO, I. L. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Editora UFPR, 2000.

DEL PRIORE, M (Org). *História das Crianças no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

DIEZ, C.L.F.; HORN Geraldo Balduino. *Orientações para elaboração de projetos e monografias*. 3. ed. Curitiba: Vozes, 2011.

DONZELOT, J. *A Polícia das Famílias*. 3.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29. ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2004.

ORFANATO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. *Ata da reunião realizada no dia 08 de novembro de 1976*. nº173, Lages SC, 1976.

SANTOS, R.D. *A genealogia dos Regimentos Internos do Colégio da Polícia Militar de Goiânia - Goiânia*, Dissertação de mestrado Universidade Federal de Goiás Faculdade de Letras 2010.

Data de recebimento: 11.11.2018

Data de aceite: 04.06.2019